**GENTE EFICIENTE: DERRUBANDO AS BARREIRAS DO AUTISMO**

**AUTORA*:****Silvana Braga Pereira*



Pedagoga, especialista em Educação Especial;

Programa Gente Eficiente – Prefeitura de Resende

email: tatavitor@yahoo.com.br

**COAUTORA**: *Zuleica de Souza Florentino*

Psicopedagoga, especialista em Educação Especial;



Programa Gente Eficiente – Prefeitura de Resende

email: zuleicaflorentino@yahoo.com.br

**Resumo**

### O Programa Gente Eficiente, tem como objetivo principal, oferecer atividades que promovam o desenvolvimento do deficiente exaltando suas potencialidades, respeitando suas limitações e dificuldades. A maior problemática encontrada é a falta de atendimento especializado aos autistas da Rede Municipal e profissionais capacitados para este fim. Este estudo pretende abordar o trabalho desenvolvido no Programa Gente Eficiente com alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e os distúrbios da linguagem deste com o objetivo de levar a reflexão sobre a possibilidade de se trabalhar este aluno num contexto diferenciado respeitando suas especificidades e obter resultados positivos com os mesmos. A pesquisa apresenta estudos de casos bem sucedidos com este público em específico salientando a contribuição da família e educadores, no sentido de aprimorar o desenvolvimento e a comunicação do autista. Ao propor esse panorama, buscou-se estimular a reflexão acerca de maior interação e inclusão do indivíduo autista no contexto escolar e social. Destacando o trabalho do educador que é principalmente possibilitar interações interpessoais desafiadoras que proporcionem o desenvolvimento das habilidades, principalmente a fala, que lhe permitirá a comunicação e, consequentemente, melhor inclusão na sociedade.

### Palavras-chave: Autismo; Afetividade; Comunicação; Linguagem; Desenvolvimento.

**INTRODUÇÃO**

O presente estudo se propõe a discutir questões em torno do trabalho feito no Programa Gente Eficiente que recebe alunos diagnosticados com Transtorno Espectro Autismo, suas principais ações para o desenvolvimento deste de acordo com sua especificidade dando respostas educacionais as necessidades e fazendo a inclusão social deste indivíduo.

O ponto de partida foi o estabelecimento de uma visão realista deste aluno, avaliando sua capacidade cognitiva, seu processo de comunicação, interação social e comportamentos atípicos que a difere das crianças de sua idade.

O processo realizado desencadeou-se através de pesquisa bibliográfica, apresentações de estudos de casos, de trabalhos desenvolvidos por profissionais que atuam no Programa.

Destacando uma compreensão mais aprofundada da criança e das ferramentas de que o professor dispõe para lhe dar apoio. As adaptações feitas pelo educador levando-se em conta as características de personalidade próprias de seus alunos.

Os profissionais acreditam que oferecer oportunidades para o indivíduo autista observar ou interagir espontaneamente (mesmo que com limitações) com outros parece ser ainda a melhor estratégia.

A tendência da maioria desse público é de emergir em repetições, estereotipias, que tomam cada vez mais espaço e dificultam progressivamente seu contato com o mundo. Assim, o papel do professor é de compreender que é por meio do aprendizado que o indivíduo pode adquirir consciência do mundo e dele próprio, sendo este aprendizado uma via ao desenvolvimento da comunicação.

As vivências no Gente Eficiente preconiza ações que valorizam o convívio social, o lúdico, de forma estruturada e dirigida para que, por meio dessa experiência os autistas possam, aos poucos, estabelecer relações com o outro que resultem no desejo de repetir experiências cujos resultados lhe tenham sido agradáveis e que não teriam tido por iniciativa própria.

O professor deve através de suas ações fazer com que ele possa discriminar gradativamente, e com clareza os gostos dos atendidos. Para isso, os estímulos oferecidos inicialmente devem ser estritamente os envolvidos no jogo ou atividade.

É preciso que a equipe sempre tenha em mente que o indivíduo autista adquire independência geralmente por meio do aprendizado ou da possibilidade de ter um apoio para sempre buscar orientações. Quando está na primeira infância, os pais e professores são as referências.

Sempre visamos o sistema de comunicação individualizado que é o meio de inserção do autista na vida social e de aquisição de comportamentos que levam à independência. É claro que este desenvolvimento dependerá de seu potencial, mas também do apoio que recebe para compreender e interagir com o mundo.

**DISCUSSÃO TEÓRICA**

O Autismo foi definido por Leo Kanner (médico austríaco, residente em Baltimore, nos EUA), em 1943, sendo inicialmente denominado Distúrbio Autístico do Contato Afetivo, como uma condição com características comportamentais bastante específicas, tais como: perturbações das relações afetivas com o meio, solidão autística extrema, inabilidade no uso da linguagem para comunicação, presença de boas potencialidades cognitivas, aspecto físico aparentemente normal, comportamentos ritualísticos, início precoce e incidência predominante no sexo masculino (PERISSINOTO, 2003 ).

Em 1944, Hans Asperger (pediatra austríaco) propôs em seu estudo a definição de um distúrbio que ele denominou Psicopatia Autística, manifestada por transtorno severo na interação social, uso pedante da fala, desajeitamento motor e incidência apenas no sexo masculino. O autor utilizou a descrição de alguns casos clínicos, caracterizando a história familiar, aspectos físicos e comportamentais, desempenho nos testes de inteligência, além de enfatizar a preocupação com a abordagem educacional destes indivíduos (PERISSINOTO, 2003).

Foi no início dos anos 60, com a Medical Research Council's Developmental Psychology Unit, que tiveram início importantes estudos dos quais resultaram importantes contribuições (PERISSINOTO, 2003 ).

Segundo o **DSM-IV-TR (2002)**, os Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD) caracterizam-se por um comprometimento grave e global em diversas áreas do desenvolvimento: habilidades de interação social recíproca, habilidades de comunicação ou presença de estereotipias de comportamento, interesses e atividades. Os prejuízos qualitativos que definem estas condições representam um desvio acentuado em relação ao nível de desenvolvimento ou idade mental do indivíduo.

São considerados Transtornos Globais do Desenvolvimento:

* Transtorno Autista
* Transtono de Rett
* Transtorno de Asperger
* Transtono Desintegrativo da Infância
* Transtorno Global do Desenvolvimento Sem Outra Especificação (**DSM-IV-TR, 2002).**

Os estudiosos de Transtorno Autista apontam a existência do que Wing (1979) caracterizou com tríade do Autismo, um conjunto de dificuldades na comunicação, na interação social e uso da imaginação presente no indivíduo com autismo, e que tem como principal consequência à dificuldade no desenvolvimento global do sujeito.

O ponto de partida é a chamada tríade de dificuldades (Wing, 1979) comunicação, interação social e uso da imaginação presentes na criança com autismo, e tem como principal consequência: maior facilidade de relacionamento com o universo concreto do que com o de ideias abstratas. O autista precisa que lhe seja ensinado quase tudo que uma criança típica aprende prontamente por meio da observação e da experiência.

A inserção dessas crianças desde as creches deve ser cuidadosamente planejada porque:

* a criança tem problemas de interação social que não se resolvem simplesmente por estar cercada de outras crianças;
* não aprende por exploração do ambiente ou por observação voluntária, e o tempo é um elemento crucial e irreversível (WING, 1979).

As possibilidades de desenvolvimento são distintas para cada um. Os recursos e as limitantes do trabalho são as dificuldades da criança e as impossibilidades da própria escola.

É importante tentar utilizar todos os recursos disponíveis de modo a maximizar o apoio ao desenvolvimento de cada criança.

É preciso ter em mente, que estamos este espaço de ludicidade deve ser próprio para este fim facilitando o estabelecimento de rotinas diárias e as necessidades dos próprios profissionais envolvidos. Conduzindo sempre com cuidado para que seu interesse não conflite com o dos profissionais que irá auxiliá-lo.

Ensinar rotinas e regras na família contribui para orientar a inclusão em distintos espaços sociais. Isto porque cada espaço social possui regras e normas próprias. Todavia, as rotinas precisam ser quebradas quando fomentam atitudes prejudiciais. Ao mesmo tempo em que é importante mantê-las, é importante também mudá-las, pois as mudanças fazem parte da vida cotidiana. (CUNHA, 2013, p.29)

A criança é afetada em uma tríade de comprometimentos acarretando prejuízos na comunicação, interação social e no uso da imaginação. Esses afetam diretamente a relação dela com o outro, objetos que cercam levando a atipias no comportamento.

A tendência da maioria delas é de emergir em repetições infindáveis (estereotipias), que tomam cada vez mais espaço e dificultam progressivamente seu contato com o mundo e, portanto, seu aprendizado.

O professor deve ter consciência de seu papel, compreendendo que é por meio do aprendizado que o indivíduo pode adquirir consciência do mundo e dele próprio, e que esse aprendizado passa pelo desenvolvimento da comunicação.

A proposta do lúdico deve ser oferecida à criança inicialmente de forma estruturada e dirigida para que, assim ela possa, aos poucos, estabelecer relações de causa e consequência que resultem no desejo de repetir experiências cujos resultados lhe tenham sido agradáveis e que não teriam tido por iniciativa própria.

O foco do trabalho efetivo no Programa Gente Eficiente é de:

* estímulos essencialmente necessários no ambiente para não confundir ou irritar o aluno, tudo dentro deste espaço deve ter organização e sentido;
* brincadeiras dirigidas que favoreçam a interação e socialização tirando a criança de seu distanciamento levando-a ao aprendizado.

Considerando o desenvolvimento da aprendizagem como fator importante para o indivíduo, deve ser lembrado que atividades lúdicas devem ser direcionadas para não gerar angústia no autista que necessita de uma rotina, ou seja, atos e objetos que já está acostumado a conviver, porém como é de grande importância tal novidade para o melhor desenvolvimento do seu comportamento diante das situações e superação das dificuldades.

Diante daquilo que se apresenta a um autista como novidade, mesmo sendo indiscutivelmente necessário para sua aprendizagem, é preciso ter cautela. O que é novo pode lhe gerar angústia e repulsa, por não compreender o motivo de tal imposição, pois tem uma síndrome comprometedora de sua função simbólica, agravante de alterações em sua comunicação. (ORRÚ, 2007, p.37)

Dessa forma, precisamos trabalhar com rotina para que esse aluno consiga se ajustar e autorregular, porém tendo a consciência de sempre que possível e necessário, fazermos mudanças nas mesmas, para que o individuo se acostume as mudanças que ocorrem em sua vida cotidiana.

**RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O trabalho foi iniciado respeitando as especificidades características, ritmo de cada aluno. Sempre destacando suas potencialidades, objetivando a integração de forma cuidadosa amenizando assim a segregação deste indivíduo.

Alguns alunos chegaram a ser atendidos em horário totalmente diferenciado dos demais, com atividades estruturadas, sequência e rotinas fixas (que já deviam estar organizadas na sala antes de sua chegada), durante um ano e meio mais ou menos.

Estas rotinas só conseguiam ser mudadas a cada dois meses sem quebrar totalmente sua sequência e costume, substituindo uma atividade por vez e ainda assim, causando desestabilidade emocional e comportamental nesse aluno.

No caso específico de uma aluna, que teve que frequentar o Programa num horário antes do início das atividades com os outros alunos, esta rotina teve que ser mudada com muito cuidado para não desestabilizá-la.

Suas atividades inicialmente eram: trabalhar com um quebra cabeça (sempre o mesmo), jogos no estilo onde está Wally, material estruturado com as mesmas figuras e palavras e sempre ao som do CD Equilíbrio distante de Renato Russo. Após mais ou menos seis meses, foi introduzido o computador em sua rotina, com jogos da memória e percepção visual, trocando também a música de fundo por outras bandas como Capital Inicial e Barão Vermelho. Também foi possível trocar algumas atividades por jogos de tabuleiro acrescentando novas palavras. O próximo passo foi trocar o quebra cabeça por outro com um número maior de peças (porém com o mesmo personagem). Outro fator positivo foi criar vínculos com a aluna e aumentar o tempo de atendimento de 40 minutos para 1h40m.

Após mais ou menos dois anos fazendo este acompanhamento estruturado, esta aluna começou a frequentar o Programa no mesmo horário que os demais. As atividades começaram a ser bem diversificadas e ela já conseguia permanecer por um período de 4 horas com intervalos para lanche e banheiro.

A partir de dois anos e meio no Programa foi inserido atividades de matemática, utilizando jogos variados sem que seja necessária uma sequência prévia, participando das aulas de dança, teatro, informática, permanecendo no Programa em período integral, além de participar das ações extracurriculares como: cinema, shopping, festas entre outras sem se desorganizar emocionalmente.

Sua família em particular sua mãe, era muito relutante com relação a qualquer tipo de abordagem. Não confiava nos profissionais e durante o primeiro ano de atendimento insistia em ficar dentro da sala. Houve um trabalho de convencimento com ela para que depois de alguns meses, aguardasse sua filha do lado de fora. Conforme a aluna foi apresentando resultados positivos à confiança da mãe foi aumentando. Hoje ela deixa a filha às 8h da manhã e busca às 16h, duas vezes por semana.

A aluna fica muito bem sem a presença materna, se junta com as outras meninas e explora todos os ambientes, participa das oficinas, aceita carinho e beijo das colegas que penteiam seus cabelos, pintam suas unhas, enfim está totalmente inserida no contexto do Programa.

Ela ainda tem atividades fora do Programa como: aula de piano e canto, equoterapia e terapia ocupacional. Hoje se alimenta adequadamente, pois, quando iniciamos o trabalho era muito seletiva e alimentava-se preferencialmente de coisas líquidas. Vai ao supermercado, viaja com a família, aceita contato físico, mesmo vindo de pessoas que não conhece, não grita ou chora quando se frustra ou vê sua rotina alterada.

Outro aluno com autismo nível três exigiu de nós um trabalho totalmente diferenciado, pois necessitava de autorregulação e controle da autoagressão e heteroagressão.

O trabalho inicial foi em uma sala pequena sem estímulos visuais, apenas com mesas e cadeiras e afastada de barulhos. Permanecemos neste ambiente por mais ou menos dois anos focando nosso trabalho em estímulos comportamentais, utilizando músicas instrumentais para bebês (Beatles, Coldplay, e Bob Marley), jogos de tecido e enfatizando o tempo todos os reforços positivos “bater não, carinho, amigo, entre outros”.

Depois deste período, houve uma maturação por parte do aluno, que já conseguia permanecer sentado por algum tempo, e, por conseguinte, introduzimos jogos de madeira em peças grandes e músicas infantis como o sapo não lava o pé, minhoca, os dedinhos, dona aranha entre outras, bem como realizar atividades com cola, papel, barbante, massinha e giz de cera, sem que os colocasse na boca.

Após dois anos e meio de trabalho efetivo, o aluno está inserido na sala de recursos de uma escola da rede frequentando junto com um grupo de amigos sem se irritar, agredi-los e se auto agredir. Participa de atividades socioculturais promovidas pelo Programa, como passeios a museus, parques e festas de fim de ano sem que estas tragam a ele prejuízos comportamentais e/ou afetivos. Teve seu tempo de atendimento ampliado de 40 minutos para 1h e 30 min, de efetivo trabalho, duas vezes por semana.

Sua relação de afetividade com a professora se estreitou, assim como com os colegas e familiares, está carinhoso com todos e gosta muito de receber carinhos. Seu vocabulário foi ampliado e consegue expressar seus sentimentos e desejos, conseguindo dizer que quer água, ir para casa, cita o nome da professora com quem quer estar e a música que quer cantar, sabe pontuar onde está doendo e está conseguindo estabelecer uma comunicação bem clara com todos.

Sua festa de aniversário foi realizada na escola, na sala de recursos e ele demonstrou grande alegria e prazer em ver os amigos cantando parabéns e pela primeira vez segundo relatos de sua mãe, eles conseguiram festejar em casa e contar não só com a presença de familiares, mas de seus amigos da escola. Durante a festividade segundo ela, o aluno se divertiu muito, comeu, brincou com os amigos sem qualquer alteração de humor ou comportamental.

Todo este trabalho é realizado primeiramente estabelecendo vínculos entre a professora e seu (ua) aluno (a), os reforços são sempre positivos, com a utilização de palavras de incentivo, comandos específicos e diretos. Buscando sempre estabelecer uma comunicação efetiva entre os envolvidos. Não há premiação para a ação correta como balas, doces, brinquedos. O aluno faz o que lhe dá prazer e por isso é sempre estimulado com “muito bem, parabéns, tá lindo, entre outras”.

Ao introduzir uma nova atividade, o aluno precisa aprender a lidar com a frustração, pois não gosta de mudar sua rotina. O professor precisa a todo instante incentivá-lo para que ele insista em fazer, pelo menos experimentar.

Sendo assim, fica clara a importância deste profissional que tem que se dedicar e fazer um planejamento exclusivo para cada aluno, respeitando suas especificidades e exaltando suas potencialidades.

Sua mãe é extremamente grata ao trabalho que é desenvolvido com ele aqui no Programa, reconhece seus avanços e ajuda muito nestes estímulos.

Foi recentemente inserido na Equoterapia, fonoaudióloga e Terapeuta Ocupacional.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As considerações feitas sobre a aquisição da autonomia do autista mostram, também, um aspecto importante desse processo que está ligado ao papel do adulto e, principalmente, do educador: possibilitar, interações interpessoais desafiadoras que lhe proporcionem o desenvolvimento de suas capacidades, principalmente o da linguagem, que lhe permitirá a comunicação e, consequentemente, melhor integração social.

Com o trabalho realizado, pode-se observar que o papel do professor que equivale ao de um intérprete, fazendo a conexão entre duas culturas diferentes. Esse professor deve compreender seu aluno, localizar seus pontos fortes, identificar seus déficits e encontrar os meios facilitadores para ajudá-lo no processo de adaptação e aprendizado.

Destacando o trabalho realizado com uma aluna com autismo identificando algumas características marcantes desse quadro, compreendendo o seu processo de aprendizagem e desenvolvimento, reconhecendo que o mesmo é distinto em cada indivíduo.

E, que maneiras lúdicas de ensinar trazem um grande retorno por parte dos alunos, observando o seu desenvolvimento de linguagem e qual a sua importância, e como deve ser introduzido este aspecto em sua vida.

Quando se consegue dissociar o aluno do indivíduo autista, ou seja, enxergá-lo como uma pessoa com desejos e potencialidades. Proporcionando a ele e sua família novas experiências e vivências se torna muito gratificante ver o crescimento e o ganho de qualidade de vida para esta pessoa.

O autista não pode viver em uma bolha, isolado de tudo e de todos. É importante sempre que possível promover sua interação, respeitando suas condições e limites. Vale ressaltar que quando conseguimos inserir esse aluno nas esferas sociais significa também inclusão da família já que esta na maioria das vezes se vê e se faz tão excluída quanto seus (as) filhos (as).

Para que este trabalho seja efetivo, é preciso que a família acredite nas ações desenvolvidas e caminhe junto com a instituição apostando principalmente no potencial de seu filho.

**REFERÊNCIAS:**

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. DSM-IV. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. 4 ed. Porto Alegre: ARTMED, 2002.

BAPTISTA, Claudio R. e BOSA, Cleonice. **Autismo e Educação: reflexões e propostas de intervenção**. Porto alegre: Artmed, 2002.

CUNHA, E. **Autismo na escola:** um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar – ideias e práticas pedagógicas. 2ª ed. RJ: Wak Editora, 2013.

MANTOAN, M. T. E. Caminhos pedagógicos da inclusão. São Paulo, Memnon Edições Científicas, 2001.

ORRÚ, Sílvia Ester. **Autismo, linguagem e educação**: interação social no cotidiano escolar. Rio de Janeiro: WAK, 2007.

PERISSINOTO, Jacy. **Conhecimentos essenciais para atender bem as crianças com autismo.** São José dos Campos: Pulso Editora, 2003.

RESENDE, **Programa Gente Eficiente:** Regimento Interno, Prefeitura Municipal de Resende, 2016.

WING, L., & Gould, J. **Deficiências graves de interação social e anormalidades associadas em crianças**. Epidemiologia e classificação. Journal of Autism e transtornos do desenvolvimento, 1979.